

15075 - O papel de cientistas e de lideranças do movimento social na construção da agroecologia no Brasil e na França

The role of scientists and of social movement leadership in the construction of agroecology in Brazil and in France

Abreu, L. S. de; Lamine, C; Bellon, S, Branderburg, A. Ollivier, G.

EMBRAPA, lucimar.Abreu@embrapa.br; INRA, claire.lamine@avignon.inra.fr, INRA, stephane.bellon@avignon.inra.fr; UFPR, alfio.brandenburg@hotmail.com; INRA, Ollivier.Guillaume@avignon.inra.fr

Resumo

Na década de 70 na França e no Brasil emergem novos estilos de produção ecológica denominados de agricultura alternativa, em oposição ao modelo de agricultura convencional, apoiados por ONGs e, evolui progressivamente para a denominação de agroecologia. O objetivo deste artigo é analisar as interações entre cientistas, movimento social e a construção de políticas públicas, pois essas interações e diálogos intensos podem desempenhar um papel chave para a legitimidade da agroecologia nesses dois países. Assim essas inter-relações são comprovadas através da análise de trajetórias de um conjunto de atores-chaves (entrevistas e curriculum vitae). Essas trajetórias geram interpretações concorrentes da agroecologia que podem ser classificadas e diferenciadas em três aspectos principais: concepções sobre processos de transição da agricultura; público alvo e, por último, a visão sobre a inserção da produção no mercado. Concluímos que as diferenças de entendimento da agroecologia estão diretamente relacionadas a distintas formações teóricas e trajetórias sócio profissionais específicas.

Palavras-chave: Agroecologia, movimento social, trajetórias socioprofissionais, políticas públicas.

Abstract:

In the 70's new ecological production styles appeared, namely in France and in Brazil. They were grouped under the term of alternative agriculture, as opposed to the conventional agriculture model. They were supported by NGOs and then evolved progressively under the umbrella of agroecology as a main denomination. The objective of this paper is to analyze the interactions among scientists, social movement and the construction of public policies, since these interactions and intensive dialogues can play a key role for the legitimacy of agroecology in these two countries, among others. Thus such inter-relations are evidenced through the trajectories of a set of key-actors; based on the analysis of direct interviews and secondary data (curricula vitae). These trajectories generate concurrent interpretations of agroecology that can be classified and differentiated in three main aspects: conceptions of transition processes, target public of agroecology and integration of products within the market. We conclude that the differences in envisioning agroecology are directly related to distinct theoretical background and specific socio-professional trajectories.

Keywords: Agroecology, Social movements, Socio-professional trajectories, Public policies.

Introdução

Este estudo parte da observação de um cenário de mudanças sociais, políticas e do desenvolvimento da agroecologia no Brasil e na França, conhecida como agricultura alternativa (ecológica, orgânica, biodinâmica, natural, etc.) emerge em oposição ao modelo de agricultura convencional, apoiados por ONGs e, evolui progressivamente para a denominação de agroecologia. Para Altieri (1987) a agroecologia é a ciência que estuda os agroecossistemas ou as unidades agrícolas de forma abrangente nas quais ocorrem os ciclos minerais, as transformações energéticas e toma em conta

as relações sociais, econômicas e culturais. A agroecologia é também interpretada como ciência, movimento social e políticas públicas (WEZEL, A. et al. 2009).

O objetivo deste artigo é mostrar que as interações entre cientistas, movimento social e a construção de políticas públicas desempenham um papel chave no fortalecimento e na legitimidade da agroecologia nos dois países. Sinteticamente apresentamos a cronologia do desenvolvimento da agricultura ecológica francesa e brasileira, desde os anos 70 até 2012. Em seguida, descrevemos as trajetórias dos principais atores-chaves, suas visões concorrentes sobre a agroecologia e finalmente estabelecemos uma comparação das trajetórias da agroecologia, nos dois casos estudados.

Metodologia

O recorte analítico foi construído com base na avaliação documental do caso brasileiro e francês e na análise sociológica de natureza compreensiva de mais de uma dezena de entrevistas e curruculum vitae de atores-chaves envolvidos em redes científicas, movimento social e articulação com a formulação de políticas públicas. A pesquisa esta em andamento, foi realizada com atores-chaves brasileiros, a partir de 2009, ao passo que na França, iniciamos a coleta de dados, em 2012 e será concluída em outubro de 2013. Aplicamos a técnica de reconstrução das trajetórias de atores-chaves. Essa abordagem não defende um pressuposto normativo do que deve ser a agroecologia. Esse trabalho é resultado de síntese. Assim muitas questões não foram aprofundadas devido ao limite de páginas.

Resultados e discussões

A cronologia dos agricultores ecológicos franceses e brasileiros

Os primeiros movimentos da agricultura de base ecológica na França surgem no final de 1950, envolvendo principalmente produtores e, no final de 1970, consumidores e ambientalistas urbanos entram em cena. Depois de 10 anos, em 1980 ela é institucionalizada, reconhecida oficialmente e, e se denomina agricultura biológica (Agriculture Biologique). Os produtos passam a usar o selo AB (Agriculture Biologique) e a certificação torna-se obrigatória. As normas e protocolos são originários da Europa em 1992 e, foram adaptadas e aplicadas no território francês.

Retraçando a trajetória da agricultura alternativa brasileira, observamos três momentos principais: 1. Surge como um contra movimento em relação à industrialização da produção agrícola e; 2. Fortalecimento da organização da sociedade civil e dos movimentos profissionais representantes da agricultura ecológica (especialmente para a produção e comercialização); 3. Finalmente, um período marcado pela institucionalização e o reconhecimento social, explicitado na emergência de leis, regulamentos e mecanismos de apoio e ao desenvolvimento, acompanhado por uma diluição de seus princípios, paralelamente à sua crescente inserção na economia (Brandenburg, 2002). No período recente identificamos um quarto momento onde a agroecologia assume um lugar significativo em ambos os casos, embora com configurações diferentes (Abreu, et al. 2011). Alguns atores-chaves vinculam o desenvolvimento da agroecologia, às estadias de vários pesquisadores brasileiros em Córdoba na década de 1990. Mas alguns dos atores-chaves relatam que a base teórica da agroecologia já tinha sido discutida na década de 1980, na América latina, por Miguel Altieri, os fatos mencionados não são

uma falácia, a Universidade de Córdoba tem formado um número significativo de atores-chaves do movimento agroecológico brasileiro, Altieri, é um dos autores mais citados na literatura científica brasileira sobre a agroecologia. De fato, encontramos referência do autor de 1982, na dissertação de mestrado de um dos atores-chaves entrevistados, apresentada em 1987, na Universidade de Viçosa (MG).

Essa cronologia mostra que a transição da agricultura alternativa à agroecologia, é o resultado de um conjunto de interações de várias organizações e atores-chaves participantes de redes científicas, movimentos sociais e da formulação de políticas.

Interações entre redes científicas, movimento social e políticas públicas.

Essas interações podem ser distinguidas em três categorias de acordo com o tipo de trajetórias:

Categoria 1: Os brasileiros entrevistados em geral iniciaram seus percursos em ONGs e movimentos sociais (projetos da agricultura familiar) da década de 70 à década de 90, e a partir dos anos 2000, passaram a participar diretamente ou indiretamente da elaboração de políticas, em conexões permanentes com redes científicas (organizações socioprofissionais, muitos passaram pela academia em programas de doutorado, fato que favorece a legitimação destas posições). No caso dos entrevistados militantes franceses não fica ainda bem elucidada a relação desses com o movimento agroecológico pioneiro, liderado por Pierre Rabhi, liderança central do movimento na França, que tem sua trajetória marcada por uma visão da agroecologia fundamentada na ética, visão difundida em conferências, publicações e no envolvimento político. Entretanto, um dos entrevistados, fortemente articulado com o movimento agroecológico e, figura central na organização do Colóquio de agroecologia de Albi/2008, fez referência aos princípios da agroecologia, apresentado por Pierre Rabhi, sem mencioná-lo. Para o entrevistado o movimento social articulado em torno de Pierre Rabhi, apresenta uma dimensão fortemente espiritual, segundo ela “*light*”, sentido contrário às ações do movimento em torno da associação linha de “*Horizon et les amis de François Partant*” cuja instituição adota uma estratégia política, focalizada na defesa dos trabalhadores sem terra e pequenos produtores familiares de países distantes, especialmente na América Latina. Outro entrevistado que interage com movimento social afirma que a agroecologia tem necessariamente uma dimensão política que é preciso não desconsiderá-la, sua ação é associada à Confederação Camponesa.

Categoria 2: A origem das trajetórias do segundo grupo é acadêmica em alguns casos, apresentam fortes ligações com os movimentos sociais e políticos, através da construção de projetos de pesquisas participativas e o envolvimento pessoal com algumas organizações não governamentais. Estes projetos têm sido dedicados principalmente à agricultura familiar. No caso francês, o grupo é formado por professores, alguns com experiência profissional inicial em ONGs, e outros atuam ainda na condição de produtor e militante. Um dos entrevistados teve formação inusitada para a época (década de 80) em ecologia de agroecossistemas tem ainda ligações com o movimento social agroecológico. No passado esteve desenvolvendo pesquisas em áreas de montanhas e com agricultores familiares tradicionais no México, afirma ter sido a experiência fora da França e a convivência com líderes do movimento camponês Mexicano, que o influenciou a pensar a agricultura a partir de uma visão da agroecologia, antes mesmo dela ter sido anunciada cientificamente. A

experiência internacional entre pesquisadores e acadêmicos franceses foi também mencionada por outros atores entrevistados.

Categoria 3: Atores chaves brasileiros que atuam unicamente no âmbito da pesquisa científica ou no ensino em universidades, mostram forte interesse pela agricultura ecológica, mais precisamente referem se fortemente a agricultura orgânica (apresentando exemplos práticos da produção orgânica), interagem em menor grau com os movimentos sociais e políticos poucos possuem envolvimento com projetos de abordagem participativa. Nesta categoria também encontramos um entrevistado francês que orienta seus estudos para investigar o papel das leguminosas nos sistemas de culturas, e visa contribuir com a diminuição dos uso de insumos.

Pontos de vistas concorrentes da agroecologia

Selecionamos três aspectos principais para esta distinção: concepções sobre processos de transição da agricultura; tipo de produtores e, por último, a visão sobre a inserção da produção no mercado.

As concepções sobre a transição: para o grupo atores-chave das categorias (1 e 2) da dimensão "sociopolítica", a agroecologia se encontra muito além da agricultura orgânica, cujo entendimento sobre esse modo de produzir, é na melhor das hipóteses *"uma etapa no caminho para se chegar a agroecologia"*. A transição é identificada como um processo progressivo, neste caso, a agricultura orgânica é a substituição de insumos, etapa posterior à diminuição da dependência de insumos externos. Os entrevistados acadêmicos não defendem a transição progressiva, mas uma visão da transição radical bem surpreendente à primeira vista. No entanto no geral é uma visão baseada numa menor autonomia dos agricultores. Segundo esse ponto de vista o conhecimento dos agricultores sobre a ecologia dos processos produtivos já foi perdido e, por conseguinte, outro modelo teria que ser completamente redefinido, construído e transferido, a partir do progresso da ciência, e tendo a ecologia como fundamento central. O tipo de agricultores: Para os atores chaves "sociopolíticos" dos grupos (1 e 2), agroecologia está claramente ligada à agricultura familiar, agroecologia não é possível ser desenvolvida fora da agricultura familiar. Por outro lado, alguns atores chaves do grupo (3) e cientistas do grupo (2), consideram que a aplicação de programa de desenvolvimento com base na agroecologia, que privilegia agricultores familiares (assentamento da reforma agrária) focaliza um grupo específico de produtores é preciso universalizar e atender demandas mais abrangentes para solucionar questões relacionadas à pobreza rural. Neste sentido essa escolha é ideológica e simplificadora. Outros cientistas alegam que as soluções agroecológicas devem ser encontradas para as propriedades maiores e, também para as unidades especializadas. Um desses entrevistados conduz projetos de pesquisa no setor de cana-de-açúcar, que normalmente é excluído pelo outra categoria ou grupo, uma vez que trabalham principalmente em unidades de produção mistas (gado, legumes, frutas, às vezes, café). As relações com mercados e com consumidores: para os atores-chaves dos grupos (1 e 2), agroecologia também supõe uma redefinição dos modos de comercialização, de transportes e circuitos, e até mesmo de hábitos de consumo. Um argumento importante é a idéia de evitar os problemas do processo da convencionalização da agricultura orgânica. A produção ecológica deve ser comercializada através de circuitos locais e a certificadas, através de processos participativos. Nenhuma das

pessoas entrevistadas considera importante a combinação entre circuitos curtos e longos.

Conclusões

A análise das trajetórias mostra que os atores brasileiros se deslocam de um mundo socioprofissional à outro, articulando projetos de pesquisas, parcerias e buscam influenciar decisões políticas produzindo um intenso diálogo e interações entre esses universos (redes científicas, movimento social e políticas públicas) geram muitas vezes tensões, em particular em processos de disputas de espaços públicos, fruto da polissemina em torno do entendimento da agroecologia.

Na França emerge um campo de forças sociais e políticas em permanente oposição constada no recente processo de institucionalização da agroecologia, que aparenta ser mais uma estratégia para ampliar a produção de base ecológica na França, e de se liberar das exigências de controle de qualidade da agricultura ecológica francesa. Os grupos sociais que tem sua origem marcada pela militância em organizações não governamentais do movimento pioneiro e defensores de uma agricultura ecológica calcada em seus princípios fundamentais, criticam e rejeitam esse processo, que sem dúvidas, fortaleceria a convencionalização da agricultura ecológica.

Embora nos dois países encontramos aspectos bastantes semelhantes em termos de entendimento do desenvolvimento da agroecologia, os dois casos apresentam contextos diferenciados, a agricultura francesa é mais homogênea e estruturada, no caso brasileiro se destaca a diversidade social e econômica que se reproduz nos variados estilos de produção, tais características de ambos os casos parecem também interferir e sensibilizar as concepções dos atores sobre a transição, o público alvo privilegiado, e sobre a inserção da produção em mercados.

Referencias bibliográficas

- ABREU, L. S. BRANDENBURG, A.; BELLON, S.; MAZAROTTO, S. D. V. A. *Agroecologia, movimento social, ciência, práticas e políticas públicas: Uma abordagem comparativa*. In: **Anais VII Congresso Brasileiro de Agroecologia. II Congresso Latino-americano de Agroecologia**, 2011, Fortaleza (Brasil)..
- ALTIERI, M. A **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. Westview press Boulder, CO, 1987.
- BRANDENBURG, Alfio. **Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.6, p.11-28, jul./dez. 2002. Editora UFPR.
- CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário - Secretaria da Agricultura Familiar - DATAR: IICA, 2004.
- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Trad. Maria José Guazzelli. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 653p.
- WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. *Agron. Sustain. Dev.*; DOI: Disponivelem: <http://www.agronomy-journal.org>. 2009.